

Cotonicultores do Norte de Minas Gerais aderem aos transgênicos, triplicam o faturamento e já vislumbram uma vida melhor

# Algodão salva o sertão

NICHOLAS VITAL, DE CATUTI (MG)

**O**norte do Estado de Minas Gerais já foi considerado um dos mais promissores pólos produtores de algodão no Brasil. Mesmo pouco desenvolvida, a região chegou a contar com mais de 130 mil hectares plantados no auge da produção, no início dos anos 80. Porém, a falta de investimentos na terra e em novas tecnologias fez com que a produtividade caísse gradativamente até chegar a menos de 70 arrobas por hectare em 2005, o que tornou a atividade praticamente inviável para a maioria dos pequenos cotonicultores locais. Essa história, porém, também faz parte do passado. Hoje, com a introdução de variedades transgênicas, o plantio do algodão voltou a ser um bom negócio e já vem transformando a vida de muitas famílias.



**PROCESSO ARTESANAL:** as próprias famílias trabalham nas lavouras, desde o plantio até a colheita do algodão



"Quando cheguei aqui, em 1983, o algodão estava muito bom, mas nos últimos anos não estava dando nem para pagar as contas", afirma José Alves de Souza, dono de uma área de cinco hectares no município de Catuti e um dos beneficiados pelo programa "Retomada do Algodão", da Abrapa - Associação Brasileira dos Produtores de Algodão. Zé Brasil, como é mais conhecido, conta que chegou a deixar as lavouras em segundo plano e tentar a sorte

na construção civil, mas voltou atrás após a introdução dos transgênicos na região. "No ano passado consegui colher 230 arrobas por hectare, ou três vezes mais do que quando trabalhava com as variedades convencionais", comemora o cotonicultor mineiro.

Animado com a nova realidade, Zé Brasil almeja voos ainda mais altos. Depois de construir um pequeno depósito com o dinheiro ganho na última safra, o produtor quer arrendar novas áreas e aumentar a produção. **"Os transgênicos revolucionaram a atividade na região"**, continua ele, lembrando que as novas variedades são



**NOVO NO PEDAÇO:** empolgado com os resultados das últimas safras, Rodrigo Costa decidiu apostar no algodão e não tem do que reclamar até o momento

mais adaptadas aos solos secos e pobres da região, além de serem mais resistentes à lagarta, uma das principais pragas do algodão. No entanto, o clima no norte de Minas Gerais também ajuda. Segundo especialistas, **devido à altitude e à grande incidência de luz solar, uma safra que levaria 250 dias em Mato Grosso pode ser colhida em pouco mais de 100 dias nas lavouras de Catuti.**

O potencial da região é inquestionável e isso vem atraindo novos investidores. É o caso de Rodrigo Costa, que plantou algodão pela primeira vez no começo do ano e não tem do que reclamar. "O resul-

tado está sendo muito acima do esperado. Vou colher mais de 300 arrobas por hectare", diz ele, um dos poucos produtores mecanizados e irrigados do norte de Minas Gerais. "A conta é bem simples. Vou colher 1,5 mil arrobas em cinco hectares. Ainda não sei por quanto vou vender, mas o lucro deve chegar aos R\$ 15 mil", garante.

Gestor do projeto, José Tibúrcio de Carvalho vai mais longe. Segundo ele, além da pluma do algodão, ainda é possível obter

um bom dinheiro com a venda de seus subprodutos, como o caroço, o óleo e a torta (veja box abaixo). "Queremos que eles passem de agricultores familiares para produtores de mercado. Temos a vantagem de estar perto da Coteminas, indústria que consome mais de 150 mil toneladas de pluma por ano e absorve quase toda a nossa produção", completa o executivo, destacando que hoje o Estado de Minas Gerais produz cerca de 38 mil toneladas de pluma por ano, enquanto apenas o norte do Estado tem capacidade para chegar à casa das 50 mil toneladas em cinco anos.

## UTILIDADES DO ALGODÃO Subprodutos podem gerar ainda mais renda ao produtor



### PLUMA:

parte mais nobre do algodão, a pluma é vendida basicamente para a indústria têxtil e de fiação para depois virar roupa



### CAROÇO:

primeiro subproduto do algodão, o caroço pode ser utilizado para alimentação animal ou ser vendido por até R\$ 500 a tonelada



### ÓLEO:

quando extraído pelos produtores, pode render até R\$ 300 extras por hectare. O óleo é vendido à Petrobras e virá biodiesel



### TORTA:

material que sobra do algodão após a extração do óleo, pode ser usado como complemento alimentar para o gado leiteiro